

ANNIANDA

o português sem mestre

Folhetim artístico de José-Augusto França

EM 1959 terminei o texto dum livrinho sobre Almada Negreiros esperando que algum dia alguém sobre ele escrevesse o merecido livro — que havia de intitular-se, por forca da razão e das circunstâncias, Almada, o Português sem Mestre.

A falta de outrem que o fizesse acabei por assim mesmo eu fazer, escrevendo tal livro e desta maneira o intitulando. Está escrito, sairá no fim do ano — e Almada Negreiros, que sabia da minha diligência, não chegou a vê-lo, nem a ler o manuscrito. Disso tenho a maior mágoa — e quase vontade de acusar disso o castro maligno que em Portugal persegue as Belas-Artes», como dizia Machado de Castro, em 1817 ou em 1979.

Porque este livro, ou outro, melhor ou pior, mas (c'os diabos!) um livro sobre Almada Negreiros, pelos menos um, há muitos anos que devia ter sido publicado ou escrito. Ou, como diria o Nobre, em 1891 ou em 1970 — onde estão os escritores do meu país, ou os editores, que não vêm escrevê-lo ou entendê--lo?...

U M livro, dizia eu — e posso dizer um ensaio, um ensaio pequeno, ou um artigo até Que nada disso há, de decente, sobre Almada Negreiros, em Portugal, Sim, um texto de Vitor Falcao e em 1916, um outro de Cotinelli Telmo em 1941, uma critica de Vitorino Nemésio ao Nome de Guerra, em 1938; coisas de amizade, um artigo inteligente mas parcelares e circunstanciais. A melhor análise da arte de desenhador de Almada aimda é, até hoje, um artigo publicado em Madrid em 1927, por António Espina, do grupo de Ramon Gomez de la Setna (que em breve publicarei na revista «Colóquio»). Não tiro vanglória de ter escrito um livrinho sobre Almada em 1959 (publicado em 1963), e agora o livro que queria escrever — antes vergonha de ter sido o único a fazê-lo, mau sinal dos tempos portugueses que desde há muitos séculos atravessamos. Bem sei que, se, em 1956, escrevi um livro sobre Amadeo (livro Unico também — como na Instrução Primária!) e não sobre Almada, a culpa foi deste, que dificultou o plano dum editor de qualidade, que

se chamava Castro Soromenho. Bem o sei, mas não chega como razão, Porque fica de fora, por exemplo. bão se faze-rem, universitàriamente, estudos sobre sei, mas não chega como razão. Porque fica de fora, por exemplo hão se fazerem, universitàriamente, estudos sobre a sua obra — e só se admitirem, nesse plano, teses de licenciatura em «filologia românica» (tal e qual — nem me rio ao escrevê-lo...) naturalmente mediocres, feitas em Lisboa ou em Coimbra (uma em cada lado, na realidade), e sem os licenciandos ou os examinadores fazerem a minima ideia de que almada, ora essa, também pintava... As doze lições que o ano passado fiz sobre Almada e a sua obra, na S N. B. A., com a colaboração de Jorge de Sena (professor sim, mas nos Estados Unidos), de José Blanc de Portugal e de Ernesto de Sousa, só podem servir a acusação que faço. Outra, pode fazê-la Eduardo Prado Coelho, que esta ano, na Universidade de Aix-en-Provence fez, como leitor, um curso sobre o Nome de Guerra. Outra, ainda, uma tese de doutoramento que se está fazendo em Bruxelas...

P ARA se falar do que era e do que fazla, Almada viu-se sempre obrigado a falar ele próprio, em conferências e entrevistas. Com uma feroz sinceridade que não podia delxar de abalar os culpados de não o fazerem eles, Salbamos, ao menos, que Almada nunca lhes perdoou! «Português sem Mestre», poucos entendedores teve também — e se não fosse o «Zip-Zip», quem saberia dele?...

M ORREU agora Almada Negreiros, oom setenta e sete anos de idade e quase sessenta de luta. De luta contra os portugueses por amor de Portugal, Portugueses e Portugal? de sina antiga: não ha portugueses, ha Portugal», escreveu ele — e fol-o provando pela vida fora.

pela vida fora.

Ingénua ou genialmente, que para ele
foi a mesma mameira de ser. Há, ao
longo da vida, isto é, da carreira de
Almada Negreiros, uma coerência perfeita e que toca as raias do portentoso,
numa terra de gente política, versátil e
enfastiadas. Respigo estas linhas — e
insisto nelas. A coerência de Almada
vem da Cena do Odio à Invenção do

Dia Claro, ao Nome de Guerra, a Des-cobri a Personalidade de Homero, aos frescos da Rocha, ao Começar, gravado em 1969 numa parede da Fundação Gulbenklan — ai começando tudo de novo, como súmula de obra e convite para o entendimento maior que pre-tendia.

para o entendimento maior que pretendia.

«Almada é, em suma, e sobretudo ou
sobre todos, uma presença na vida portuguesa, Ele cuidou de resto, da sua
«presença», de nome de guerra em nome de Guerra, alcunha assumida ou
grafismo da propria assinatura Que o
tenha feito com múltipla, ingenuidade
de Arlequim, está de acordo com o que
a si próprio dava e com o que à sua
pátria pedia...»

Respigo também, E o que ele pedia
era uma consciência mítica do Portugal par coeur que aprendeu a cantar
em Paris, na Direcção Unica que imaginou em Madrid. «Por isso ele inseriu
miticamente o seu país numa corrente de conhecimento universal, em estrutura e em termos de poesia que convém ao processo mitológico e aos mitogemas.»

«O desenhador Sobral Almada Negreiros apareceu pela primeira vez em público assinando uma anedota ilustrada no número 4 e últi-



Almada, iconoclasta futurista

mo do jornal «A Sátira», datado de Lisboa, 4 de Junho de 1911.

Disboa, 4 de Julino de 1911.

Tinha então dezoito anos de idade pois nascera em 7 de Abril de 1893. Assim começa a história deste homem cuia última obra se chama Começar. Não teve mestres a desenhar, não os teve a viver. Nem discípulos. Nunca atraiçoou a Arte. Sabia que «a alegria era a coisa mais séria da vida». É enão era optimista nem pessimista porque entre ele e a vida não houve mal-entendidos».

Como

Ramon Gomez de la Serna aprecia Almada Negreiros

COM ESTE TÍTULO, publicou o «Diário de Lisboa» de 15 de Fevereiro de 1927 o texto que Ramon Gomez de la Serna fez inserir na «Gaceta Literária» de Madrid sob o titulo «A Alma de Almada». Esperava-se então a visita do artista português á capital espanhola, reflectindo a saudação de Gomez de la Serna o interesse com que ela era aguerdada pelos intelectuais do país vizinho. Eis um documento cheio de sabor epocal — e um frívolo esboço para um retrato a fazer.

apertados nas mangas estreitas que ele inventou para toda a Europa.

para toda a Europa.

Almada é o menino de coro da missa nocturna; o que sabe acompanhar os seus ritos e é vé-lo nos banquetes, com que Lisboa anima as suas esperas e que servem de ponte entre una note e outra noite.

Por vezes "Almada osmeça a consumir-se. Pode-se vé-lo satão nasar

ror vezes Almada ce-meça a consumir-se. Po-de-se vé-lo intão passar como ciclista das suas ideias e na rápida apari-ção nota-se que já ape-

Cont. na pág. 7

Um ponto no i do futurismo

por Almada Negreiros



Almada, poeta d'Oripheu

ESTE TEXTO de Almada Negreiros foi publicado no «Diário de Lisboa» em 25 de Novembro de 1932. É um documento importante (refere-se à protocolar visita de Marinetti a Lisboa e à reacção negativa que suscitou junto dos seus adeptos mais tiéis) e, como alguns outros do grande artista há pouco falecido, pràticamente «enterrado» nos arquivos de jornais e revistas onde espalhou colaboração. A sua re-publicação, hoje e aqui, toma o carácter de homenagem nossa àquele que foi um amigo e colabo-rador deste Jornal — mas resulta igualmente como uma (primeira) contribuição para o trabalho sistemático de pesquisa e recolha que a obra escrita de Almada Negreihá muito exige e agora se torna verdadeiramente indispensável.

«EXACTAMENTE 23 anos depois do movimento futurista, veio a Portugal o seu chefe e criador F. T. Marinetti. Mais vale tarde do que nunca. Em verdade, para os futuristas portugueses (porque os houve e há ainda) o que Marinetti libes trouxe anteontem às Belas-Artes é

veiho de 23 anos e um dia, nem mais nem menos. E para os que não são futuristas a tarefa do chefe deve ter sido espléndidamente inútil ou um hom número de variedades. Más não sejamos ingénuos: anteontem houve uma indiscutível vitória no salão da Sociedade Na-

ional de Belas-Artes de isboa — a vitória dos Lisboa — a vitória dos inimigos declarados do

Os inimigos figadais do futurismo em Portugal ganbaram a sua primeira anteontem na presença do chefe do futurismo F. T. Marinetti.

A batalha tinha sido lindamente urdida na sombra, e exactamente como havia sido maquinada pelos senhores da «tirania da técnica» assim também foi oficialmente levada a efeito com todo o protocolo.

Os três mais categoriza-dos inimigos do futuris-mo em Portugal, dr. Jú-lio Dantas, Adães Bermu-des e o jornalista António Ferro, foram os três se-nhores escolhidos entre a

Cont. na pág. 7

pécio.

E necessário conhecer o espírito de Lisboa para ter-se uma ideia perfeita deste ser feito de nostalgus e de ilusões loucas que se carteia com a lua. Como filho da noite nostálgica de Portugal, que em Lisboa tem deliquios francticos, é o homem desarticulado e serpentino que o muito luar rebrandeceu. Adiantou-se a esses bonecos que descansam nos sófás dos sacompridas pernas de se-compridas pernas de se-

«ALMADA NEGREIROS é o ser impar no melo da pintura e da literatura portuguesa sobre as quais salta de trapézio em tra-pézio.

lões, desmaiados, com as compridas pernas de sedosa aranha em balanceio de morte. Ele foi,
desde muito tempo já um
desses bonecos que, nas
mãos da inspiração, despertam. se, galvanizam
a tarantela jazzbândica.

Tem muito, também,
desses egípcios das pinturas faraônicas que nassam de perjul, levamáa um
lotus na mão.

Nos brindes, sobretudo,
em que Almada é mestre,
em que Almada é mestre,

Nos brindes, sobretudo, em que Almada é mestre, a sua projecção egipcia sobre as paredes da vida espectifica-se muito mais, levantando a taga de champagne como a flor dos geroglificos, enquanto os seus braços, fazem gestos sinuosos, muito

Um ponto no i do futurismo um texto de Almada Negreiros

Cont. da pág. 5

carbonária - maçónica - artística - literária portuguesa para trazerem ás cavalitas o chefe futurista para diente dos portugueses. Bravo aos inimigos do futurismo!

É assim mesmo que se fazem bem feitas as coi-

O admirável criador do futurismo está naquela fase académica e na respectiva idade que se prestam lindamente para ser manejadas pelos putrefactos e pelos arranjistas. O mais grave é que F. T. Marinetti não desconhece que Portugal é o único país ladino, além da própria Itália, onde hoave um movimento futurista. Pois da parte de Mari-



netti não houve ama única e simples saudação aos seus companheiros de Portugal e, pelo contrário, bem custodiado pelos austeros «pompiers» nacionais, veio de casaca estabelecer mais confusões do que as que já cá havia entre os que gostam de fazer equivocos e os eternos equivocados.

Não desejando nós reste momento juntar nem mais uma palavra ao já crónico ódio do dr. Júlio Dantas e Adães Bermudes para com toda a espécie de iniciativa independente de juventude portuguesa, já outro tanto não sucede com a ação mundana do jornalista António Ferro e que é necessário denunciar hoje em público. Das duas uma: ou o sr. António Ferro foi também no bote

como o sr. Marinetti, ou então, cumpria exactamente os seus deveres para com o seu programa pessoal. Nós, os futuristas portugueses que conhecemos António Ferroduma maneira mais assidua e bem diferente da do público português, vamos declaradamente pela secunda.

É precisamente neste momento em que na vida portuguesa os artistas portugueses se juntam para recordar aos próprios poderes do Estado toda a importância da «Política do espírito», que o sr. António Ferro não teve o instinto para reparar que a presença do sr. Martnetti em Lisboa era por grande favor do araso a coincidência mais própria e feliz para marcar brilhantemente a nossa atinide de artistas novos diante do Estado português. (Encontrava-se presente um representante do er ministro da Instru-

Pois o que devia ter aldo o entusiástico início
dos nossos desejos de artistas portugueses junto
do Estado português, resultou por culpa do sr.
Ferro (autor do artigo de
fundo do «Diário de Noticlas» intitulado «Politica do Espírito»), um ameno sarau mundano para
deleite dos «pomplers nossos amisos».

sos amigos». Não, sr. António Ferro, a «Política do espírito» é o interesse e já antigo de todos os novos artistas de Portugal e não pode de maneira nenhuma estar subordinado às habilidades e caprichos mundanos do programa pessoalisaimo do sr. Ferro.

Quanto ao admirável e sempre novo oriador do futurismo F. T. Marinetti, lastimamos, nós os futuristas portugueses. a sua amnésia quanto a Porfugal a sua falta de memória acerca do que nomes heróleos do futurismo fizeram aqui nesta terra em guerra sem tréguas contra putrefactos e botas de elástico.

Lastimamos, nós os futuristas portagueses, que o grande cosmopolita se. Marinetti tenha por desgraça o grande e fereoarével defeito de não saber viajar, pelo menos em Portugai!

Para terminar, nos os futuristas portugueses, saudamos com o maior dos nossos entusiasmos o sempre novo criador do futurismo nesta sua passagem pela capital da nossa terra, e desejamos-lhe uma feliz viagem de regnesso à sua grande pátria, onde o espera o seu lugar bem merecido de académico do fáscio italiano.

Pelos fluturistas portu-

José de Almada Negreiros.n

Almada visto por Ramon de la Serna

Cont. da pág. 5

nas the resta o «tbis» negro das suas sobrancethas sobre os olhos agrandados de consumido.

dados de consumido.

Nos «cabarets» de Lisbod, que são como dourados palácios assattados
pela galanteria, Almada
revoltela sobre os decotes
e oferece as rosas que
furta nas pistas em que
celebra o banquete do
grande negócio.
Galgo da sua arte, cu-

minha de cabeça de fora, buscando o que é tão dificil encontrar na vida.

Vé a configuração poética da cidade e sempre acrescenta algo entre coisa vista e coisa sonhada. Ele conhece em Lisboa balaustrada e ja n elas donde tudo observa e sempre percorreu os campos em romaria saudosa, estilizando o rústico

sempre percorca os campos em romaria saudosa,
estilizando o rústico.

Lembra os domingos de
Portugal — os mais domingos do mundo — como ninguém e neles recolhe a concepção das
excursões, dos bailes e
das reuniões.

Vive nos altos redutos, pois apenas the são necessários a flor e o banquete mensal, abrigando-se apenas, com o seu colete de matha, meio de colegial, meio de marinheiro. Nos poucos dias de frio, de calafrios de abandono e de não ter onde ir, que tem Lisboa, realiza os seus quadros como quem se suicida ou escreve como quem traça a tronia final e a última confissão sentimental.

São raros os dias de Portugal em que todos os amigos estão doentes.

Trabalha também pela notte, quando e retira e se encontra sob essa pressão da nostalgia que tem Lisbaa ao recolher para descansar, a hora em que melhor se recorda o porto com os seus barcos prontos a zarpar.

Almada Negreiros é o artista que resume a delicadeza, a inquietação e o diletantismo de Lisboa.

É esse artista sem saida que o que lhe importa é viver a graça da sua cidade e andar em largos passos pelas ruas que dão para a lua e subir a uma janela para colher uma flor.

Alegre pela ironia é o jovem trágico sobre quem têm corrido os boatos trágicos de sempre.

- Sabeis?... Al mada apareceu a noite passada enforcado num candeei-

Assassinado uma vez e sutcidado várias, teve a meningite da arte e por isso tem a sua cabeça esses gestos de pitorra e esse olhar para as estrelas vesgo e torcido, e, por isso, em plena agonia dá um saito e bate na nuca com os tacões disparados.

Almada, numa palavra, reflecte com os seus desenhos ou com os seus deserhtos o mals fino dessa melancolica e fetiz Lisboa, dando um nobre ar de brasão a cada coisa, sorendo-as para o ideal como se fossem caravelas.

> RAMON GOMEZ DE LA SERNA